



## UMA ESCRITA PORNOGRÁFICA EM ESPAÇOS CIBERNÉTICOS

Luciene Galvão Viana<sup>1</sup>  
Luciana Leila Fontes Vieira<sup>2</sup>

**Resumo:** Objetivamos evidenciar as relações de poder/saber acionadas em espaços cibernéticos destinados ao consumo e a produção de pornografia. Para realizar tal objetivo, delineamos disputas históricas no campo pornográfico. Nos “espaços do obscuro” atuam saberes que posicionam prazeres e práticas sexuais entre vícios (da sensação e da deleitação da carne) e delitos (das regras de matrimonialidade e de sexualidade estáveis e hegemônicas). Assim, produzem-se corpos a partir de uma escrita (possibilidade de enunciação subjetiva) que garante a exibição ao mesmo tempo em que conforma disciplinarmente tais aparições. A busca por uma escrita pornográfica no ciberespaço deve possibilitar reescrever experiências subjetivas corrompendo os saberes disciplinares e criando prazeres híbridos e embebidos da crítica filosófica e política.

**Palavras-chave:** pornografia, prazeres, internet.

*“Sou mais a palavra ao ponto de entulho.  
Amo arrastar algumas no caco de vidro,  
envergá-las pro chão, corrompê-las,  
- até que padeçam de mim e me sujem de branco.”*  
Manoel de Barros

As palavras descrevem, designam, separam, classificam, definem, atuam e, tornam possível a escrita de nós mesmos. No entanto, fazer a escrita de si ou produzir-se através das palavras, pressupõe uma série de continuidades e rupturas históricas. Nesse sentido, pensar a experiência subjetiva mais imediata requer atentar para as condições

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestranda em Psicologia pela UFPE. Estuda gênero e sexualidade e seu tema de pesquisa é Pornografia e Discursos de Verdade sobre o Sexo na Internet. Integra o Labeshu - Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana. [lucienegalvaoviana@hotmail.com](mailto:lucienegalvaoviana@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE. Campos de pesquisa: sexualidade, gênero, direitos humanos, psicanálise, cultura e filosofia. [lufontesvieira@hotmail.com](mailto:lufontesvieira@hotmail.com)

nas quais tal experiência se torna possível, requer também indagar as noções estabelecidas das quais se parte para explicá-las. Neste artigo, nos propomos a discutir espaços de representação sexual que visam à excitação erótica do público, como forma de evidenciar as relações de poder/saber acionadas em sites pornográficos e as maneiras pelas quais são produzidos os modos de entender a pornografia e as pessoas que as realizam e as consomem. Parafraseando o poeta Manoel de Barros, citado acima, nos propomos a questionar alguns pontos de entulho que edificam noções sobre pornografia na internet.

Definir aquilo que pode ser considerado pornográfico não é tarefa fácil. Eliane Moraes e Sandra Lapeiz (1984) contam que, na época da ditadura brasileira, um produtor de um programa de televisão entregou um script que continha a frase “Eram afrescos de Rafael”. Os censores do governo, que eram responsáveis por vistoriar a produção cultural na televisão, na literatura e no cinema - com o objetivo de torná-las aceitáveis segundo o padrão moral e político da época - modificaram a frase para “Eram homens de mau caráter de Rafael”. A censura vetou a citação de pinturas feitas em paredes e tetos por considerar que elas faziam menção a homossexuais, que popularmente são chamados de “frescos”. Além do veto, explicitou-se a crença de que homens que sentem desejo por pessoas do mesmo sexo deveriam ser considerados como “mau caracteres”. No entanto, mais próximo ao fim da ditadura, a música “Lança Perfume” (“*Me aqueça! Me vira de ponta cabeça, me faz de gato e sapato e me deixa de quatro no ato. Me enche de amor, de amor...*”) passou pelo crivo dos censores. Esses episódios explicitam que o pornográfico ou obsceno não está dado e aquilo que pode ser considerado como obsceno pra um grupo de pessoas pode não o ser para outros. Essa possibilidade de variação se baseia em circunstâncias históricas e políticas. Buscando entender as rupturas e as continuidades da construção das noções sobre pornografia em voga, iremos traçar um conciso percurso histórico a seguir.

A palavra “pornografia” começa a ser utilizada na língua grega ‘*pornographos*’, que pode ser traduzida literalmente como “escritos sobre prostitutas” (MORAES; LAPEIZ, 1984). Assim, o termo surge para designar a vida de mulheres em diferentes posições na sociedade grega: havia aquelas consideradas a reencarnação da deusa Afrodite, ocasião na qual mereciam o respeito da cidade; aquelas que ocupavam posição de destaque, frequentando os espaços públicos e fazendo também articulações políticas; havia também mulheres trabalhadoras dos bordéis administrados pelo Estado e ainda as que se tornaram escravas após serem capturadas nas guerras desse período (CARVALHO,

2000). Apesar das diferentes posições sociais ocupadas pelas prostitutas na Grécia Antiga, falar sobre suas vidas esteve associado à obscenidade e ao prazer espúrio ou ao prazer que não estava restrito ao espaço doméstico e à reprodução. A necessidade de denominar os prazeres sexuais nos ambientes de prostituição se relaciona à moral social da época, e principalmente, a um esforço de criação de um campo de saber – sobre as práticas sexuais e prazeres - que a partir daí poderá ser esquadrihado e tornado distinto de outras formas de prazer.

Durante o século XVI, com o desenvolvimento de novas tecnologias de impressão, livros e gravuras obscenas foram barateados e começaram a ser consumidos por um número maior de pessoas. As novas tecnologias possibilitaram o crescimento de um público ávido por conhecer os “segredos do sexo” detidos por uma elite culta. Em contrapartida, inicia-se também uma vigilância sobre as representações de corpos e práticas sexuais, que mostravam, já nesse período, diálogos licenciosos entre mulheres, a dissociação de afetividade e prática sexual, a nomeação informal dos órgãos genitais e a apresentação do ato sexual em detalhe (LEITE JÚNIOR, 2006). As características assinaladas acima vão de encontro às regras de matrimonialidade e às regras de sexualidade defendidas por uma “elite culta”. As pornografias passam então a ser percebidas como perigosas por ameaçarem formas de representações hegemônicas.

No século XVIII, configura-se para a sexualidade um mundo da perversão que coloca os indivíduos entre doentes ou transgressores, em outras palavras, entre o vício e o delito.

Crianças demasiado espertas, meninas precoces, colegiais ambíguos, serviçais e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários, transeuntes com estranhos impulsos: eles povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e asilos, levam aos médicos suas infâmias e aos juízes e doenças. Incontável família dos perversos que se avizinha dos delinquentes e se aparenta com os loucos. No decorrer do século eles carregam sucessivamente o estigma da “loucura moral”, da “neurose genital”, da “aberração do sentido genésico”, da “degenerescência” ou do “desequilíbrio psíquico” (FOUCAULT, 1988, p. 47).

Desse modo, com o aparecimento da noção de perversão, as pornografias não somente transgridem as regras de matrimônio e da sexualidade, mas indicam que os indivíduos envolvidos em sua produção ameaçam ser localizados socialmente além da fronteira que separa a sanidade/devassidão/loucura/crime. Essa tensão pode ser percebida nas discussões atuais sobre a criação do campo cibernético “.xxx”. No ano passado, A ICANN (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers), aprovou a criação de mais um domínio virtual .xxx para a hospedagem de sites com conteúdos

pornográficos (já existem .com, .net; .edu, .org e etc) (ISTO É, 2011). A criação do domínio possibilita maior regulação sobre o consumo de vídeos pornográficos consumidos e/ou protagonizados por pessoas menores de 18 anos, podendo funcionar como um instrumento de rastreamento do acesso e veiculação de pornografia com esse público – pauta defendida por grupos que combatem a pedofilia. Assim sendo, uma estreita ligação entre pornografia e pedofilia estimula esforços de enquadramento da pornografia como atividade ilegal.

O surgimento da pornografia como representação do corpo cujo objetivo é causar excitação sexual no público surgirá na modernidade, em meados do século XIX. Essa configuração é estimulada pelo surgimento de um dispositivo de sexualidade em uma sociedade anteriormente marcada apenas pelo sistema da aliança legítima, como propõe o filósofo Michel Foucault (1988). A sexualidade é um dispositivo histórico, que engloba “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições, filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1979, p.244). Esses são elementos heterogêneos que ganham forma nas relações de poder. Um dispositivo surge como resposta a uma urgência e é sustentado e sustenta tipos de saberes.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Desloca-se com essa teorização a noção naturalizada de que a sexualidade é algo a ser descoberto ou reconhecido para a plena revelação de uma verdade essencial sobre o sujeito, assim como, a noção de que esse autoconhecimento proporciona a liberdade e a realização de um desejo. Tais noções são subjacentes a relações de poder iniciadas no século XVII e que foram, gradativamente, substituindo a questão do sexo como suporte de relações (interdições e proibições) para a questão “do corpo, da sensação, da natureza do prazer, dos movimentos mais secretos da concupiscência, das formas sutis de deleitação e do consentimento” (FOUCAULT, 1988, p.102).

Nesse regime de saber, a monogamia heterossexual é produzida como uma regra interna e pouco se fala do casal legítimo – homem e mulher – por outro lado, a sexualidade das crianças, dos loucos, dos criminosos e daqueles que não amam o sexo oposto serão postos como objeto do saber. Portanto, assiste-se a explosão de sexualidades periféricas em relação à sexualidade monogâmica heterossexual.

Nesse sentido, o aumento e a popularização da produção pornográfica durante o século XIX foi impulsionada por regime de produção da sexualidade. Multiplicaram-se os materiais pornográficos, mas também a sua subjugação aos saberes jurídicos, pedagógicos, psicológicos e médicos.

O século XIX e o nosso foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidades, um esforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das “perversões”. Nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais. (FOUCAULT, 1988, p 44)

A pornografia neste período utiliza a obscenidade como instrumento de crítica social e política. Críticas ao clero, à devassidão das figuras políticas, à ineficiência dos nobres, à corrupção dos juízes - em outras palavras, àqueles que exerciam qualquer tipo de poder - serão atreladas à filosofia e ao racionalismo no intuito de modificar a sociedade através do prazer sexual. Assim sendo, a produção pornográfica objetivava não só o gozo dos sentidos, mas uma modificação social através da subversão e ridicularização das relações de poder (LEITE JÚNIOR, 2006).

Neste percurso histórico, é possível demarcar ainda uma origem comum entre a pornografia e o olhar científico inaugurado por Descartes. Para ele, o saber deve centrar-se na matéria física e o conhecimento científico deve ser buscado a partir de leis orgânicas. O corpo funcionaria como uma máquina e seu estudo, tal qual o dos fenômenos naturais, requer isolamento conceitual e material – como exemplo, as representações da genitália humana em livros de educação sexual que são minuciosamente apresentadas em um desenho que não exhibe o corpo no qual a genitália está. Logo, tanto a medicina quanto a pornografia modernas expõem corpos fragmentados e sem personalidade, baseiam-se também na separação entre sensação e sentimento. Dessa forma, “a especialização e a compartimentalização dos cuidados clínicos e das representações sexuais possuem uma origem comum”. (LEITE JÚNIOR, 2006, p.49).

O entrelaçamento entre saber médico e pornografia produz também efeitos de poder sobre os corpos sexuais. Os efeitos não são de simples medicalização e disciplinamento. O saber médico e a pornografia instauram também o prazer em exercer um poder que “questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela e que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir”. A explícita exibição dos corpos garante a pornografia um status de campo violador das regras do recatamento e da moral, todavia, essa mesma explicitação funciona no sentido de esquadriñar os corpos apresentados – estratégia disciplinar.

Assim, podemos dizer que saberes, tecnologias e práticas sociais são importantes para o estabelecimento de noções sobre a pornografia ou aquilo que pode ser considerado pornográfico.

Outro aspecto importante é o crescimento populacional. No século XIX, nos meios urbanos, tal expansão possibilitou à produção pornográfica enquanto um “meio de diversão em si”. As primeiras lojas e departamentos pornográficos figuram, ao lado das feiras populares, como forma de entretenimento nas cidades. O público consumidor foi ampliado para mulheres e crianças e, conseqüentemente, houve a criação de um mercado pornográfico, distinto da fotografia e obras literárias aos quais as representações do corpo estavam inicialmente ligadas.

Com o surgimento desta nova categoria classificatória na produção cultural, também ressurgem em outros moldes a batalha para censurá-la e torná-la ilegal, considerando-a prejudicial ao indivíduo e à sociedade. A perseguição à recém-nascida pornografia, que se afastou da crítica social e política de seus elementos formadores, passa a se justificar então pela causa moral de base higienista. [...] A luta da pornografia então não é mais para contestar o sistema socioeconômico, mas para ser melhor aceita por ele. (LEITE JÚNIOR, 2006, p.63)

A pornografia passa a ser uma categoria de produção cultural não mais ligada à reflexão filosófica e à crítica social, espaços de produção primordialmente “heteromasculinus”, naquele período. Nessa nova configuração, surge a crítica aos “prazeres vadios”. A palavra vadear é especialmente importante para o funcionamento dessa lógica. Uma das acepções de vadear ou vadiar, segundo o Dicionário Aurélio (2001), significa atravessar pelo vau – “trecho raso de um rio por onde se pode passar a pé ou a cavalo” (p. 704). Desse modo, prazeres vadios não são somente aqueles ociosos - os quais seriam incompatíveis a uma vida produtiva socialmente – são do mesmo modo os prazeres rasos ou aqueles para os quais se considera não ser preciso instrumentais científicos/filosóficos. Os prazeres vadios podem ser praticados em espaços híbridos e, potencialmente, não seguem a ordem monogâmica e heterossexual tida como natural. Para chegar a eles pode-se ir a pé ou a cavalo, na linguagem do ciberespaço, com uma conexão discada ou banda larga.

No século XX, devido ao surgimento da internet, a pornografia ganha ainda mais notoriedade e passa a circular pelas mais variadas conjunturas sociais. A distribuição e a recepção das representações sexuais também foram modificadas pela rede de alcance mundial. A partir desse período, desenvolveu-se fortemente a criação de gêneros alternativos e a produção independente (ou amadora). Aos consumidores, facilitou-se o

anonimato e a possibilidade de não precisar necessariamente frequentar os espaços públicos para utilizá-los (PINTO; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010).

Impulsionada por essas características, a pornografia possui nos dias atuais grandes cifras no que se refere ao número de espectadores/consumidores, à sua produção e aos lucros obtidos com a comercialização. Uma pesquisa sobre o uso de pornografia na internet realizada pela rede de notícias norte-americana Times (2011) mostra que sexo é o assunto mais procurado nos sites de busca e que a alta procura corresponde a 68 milhões de cliques para conteúdos pornográficos, ou 25% do total das buscas. Ao todo, estima-se que 42,7% dos usuários na Internet veem pornografia, ou 102.434.567 pessoas.

A internet possibilitou também a construção, a expressão, e a transgressão de discursos hegemônicos. Com os sites de pornografia amadora, por exemplo, é possível cambiar padrões corporais de práticas sexuais, gênero e etnia alimentados por pornografias *mainstream*.

A web acena com a possibilidade de vivenciar seus desejos, desvinculando-os de estigmas. Promessa fascinante: inserir-se nele tornaria possível entrar no meio como se estivesse fora dele. O acesso individual e secreto permite circular por espaços interditos no cotidiano, conhecer pessoas, estabelecer redes, tudo aparentemente desvinculado de qualquer contradição com a ordem social dominante. (MISKOLCI, 2009, p.178)

As noções de propriedade e privacidade também tem sido rearticuladas por usuários e usuárias que se expõem em práticas sexuais (ZILLI, 2012). Reorganiza-se a disputa em torno da popularização da obscenidade, em outros períodos tida como pertencente a uma elite cultural e/ou econômica. Com a rede de alcance mundial, a obscenidade começa a ser engendrada por qualquer pessoa que tenha os meios mínimos para isso: um computador com webcam e acesso à internet. A noção de privacidade e recato impunha que as representações realizadas por corpos com determinadas características (sexuais, étnico-raciais e de posição social) eram as dignas de ser veiculadas. A manutenção da privacidade tinha como efeito o estabelecimento de uma hierarquização aos corpos que poderiam ser mostrados em materiais pornográficos.

Segundo o sociólogo Richard Miskolci (2009), a internet trouxe mudanças significativas para homens e mulheres que se interessam por pessoas do mesmo sexo e vivenciam seus desejos secretamente. Na maioria dos locais públicos, eles/elas precisam manter a discrição para não sofrerem ofensivas verbais e/ou físicas. Pelo anonimato que proporciona, a web expandiu as possibilidades de paquera e pegação se convertendo em um importante meio para buscar novas relações. Todavia, fazer da internet um meio

privilegiado de buscar relacionamentos amorosos a torna um novo meio de controle da sexualidade.

Assim, ao trazer o sexo ao discurso, a web faz também com que os internautas ampliem o papel da sexualidade em suas vidas e na própria forma como se compreendem. Falar incessantemente sobre seu desejo constitui um exercício subjetivo que pode reforçar a impressão de que tudo não passa de “sexualidade”, pensamento reconfortante para homens que são incentivados desde a infância a separar amor de sexo. (MISKOLCI, 2009, p 188.)

De tal maneira, pode-se reavaliar a noção de que a internet se configura em um meio para a expressão do “sexual” em oposição ao “amoroso” ou da vida real x vida virtual. No espaço cibernético, e fora dele, o discurso sobre a sexualidade organiza-se de modo a estabelecer lugares de fala e possibilidades de enunciação subjetivas. Ainda como observa Miskolci (2009) sobre relacionamentos amorosos entre homens, a ordenação da vida como homem heterossexual no espaço público e familiar (amoroso) pode ser mantida pela colocação de uma vida homo-orientada em segredo, esta última pretensamente desvinculada da afetividade e do compromisso.

As noções sobre pornografia as quais buscamos situar em disputas históricas e políticas, neste trabalho, marcam hierarquicamente os corpos humanos (homens e mulheres) envolvidos na produção e no consumo pornográficos. Sobre aqueles/as que frequentam os espaços nos quais o obsceno circula macicamente atuam saberes que posicionam suas práticas e prazeres entre vícios (dos prazeres do corpo, da sensação, e da deleitação da carne) e delitos (das regras de matrimonialidade e de sexualidade consideradas estáveis e hegemônicas), como pode simbolizar a fotografia ao lado. Desse modo, produzem-se corpos a partir de uma escrita que garante a exibição ao mesmo tempo em que conforma disciplinarmente tais aparições. Acreditamos que a web aparece na série de acontecimentos descontínuos as quais buscamos brevemente mostrar, como uma das tecnologias, que no encontro com o obsceno tem como efeito desestabilizar representações hegemônicas, assim como, estabelecer outras regras internas de funcionamento. A busca por uma escrita pornográfica no ciberespaço, pra nós, deve possibilitar reescrever experiências subjetivas e corpos envergando e corrompendo os saberes disciplinares - pontos de entulho, como disse o poeta - e criar prazeres vadios híbridos e embebidos da crítica filosófica e política.

Imagem disponível em  
<http://rinaldoalves.blogspot.com.br/2010/11/milton-hatoum-in-orfaos-do-eldorado.html>





## REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CARVALHO, S. B. **As virtudes do Pecado: Narrativas de Mulheres a “Fazer a vida” no Centro da Cidade**. 73 p. Dissertação (Mestrado), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, s.n., 2000.

FOUCAULT, M. Soberania e disciplina. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**: A vontade de saber. Vol. I. 21ª Impressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

ISTO É. Autoridade reguladora da internet autoriza domínio .xxx para pornografia. **ISTO É DINHEIRO**. São Paulo. 18 mar 2011. Disponível em <[http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/52108\\_AUTORIDADE+REGULADORA+DA+INTERNET+AUTORIZA+DOMINIO+XXX+PARA+PORNOGRAFIA](http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/52108_AUTORIDADE+REGULADORA+DA+INTERNET+AUTORIZA+DOMINIO+XXX+PARA+PORNOGRAFIA)>. Acesso em 10 mar. 2012.

LEITE Jr., **Das maravilhas e prodígios sexuais**: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006.

MISKOLCI, R. O armário ampliado: Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Gênero**. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1 sem. 2009.

MORAES, Eliane Robert e LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é Pornografia?**. São Paulo: Abril Cultural e Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1985.

PINTO, P.; NOGUEIRA, C.; OLIVEIRA, J. M. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, vol.23, n.2, pp. 374-383, 2010.

TIMES. **The porn factor**. Disponível em <http://www.time.com>. Acesso em 10 Set. 2011.

ZILLI, B. **Nasce uma estrela pornô?** Na internet, um tipo de pornografia que mulheres gostam. Disponível em <http://www.genderit.org/node/3606>. Acesso em 27/05/2012.